

Sistematização e formalização dos verbos pronominais com vistas ao refinamento da base de verbos da WordNet.Br

(Systematization and formalization of pronominal verbs in order to refine the WordNet.Br verbs base)

Aline Camila Lenharo¹

¹Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp)

alenharo@hotmail.com

Abstract: This paper, from a lexical-grammatical characterization of Brazilian Portuguese pronominal verbs, aims to (i) systematize different subtypes of this verb type – such as verb+SE_{passive}, verb+SE_{inherent} and verb+SE_{reflexive}, identified from the different types of the clitic SE; (ii) establish a comparison between various classifications checked for these verbal subtypes; (iii) establish a formal proposal to represent these different pronominal verb subtypes based on the theoretical assumptions of Functionalism, so as to address this linguistic knowledge within linguistic-computational contexts. Therefore, we hope to contribute to two complementary research domains, namely, Linguistic Domain and Linguistic-Computational Domain.

Keywords: pronominal verbs; lexico grammar; functionalist formal representation.

Resumo: Este artigo, propondo uma caracterização léxico-gramatical dos verbos pronominais do português do Brasil, procurará (i) sistematizar diferentes subtipos desse tipo de verbo – tais como: verbos+SE_{passivo}, verbos+SE_{inerente} e verbos+SE_{reflexivo}, identificados a partir dos diferentes tipos de clítico SE; (ii) estabelecer uma comparação entre diversas classificações verificadas para esses subtipos verbais; (iii) estabelecer uma proposta de formalização desses diferentes subtipos de verbos pronominais com base nos pressupostos teóricos do Funcionalismo, com vistas ao tratamento desse conhecimento linguístico dentro de contextos linguístico-computacionais. Espera-se, desse modo, contribuir com dois domínios de pesquisa complementares, o Linguístico e o Linguístico-Computacional.

Palavras-chave: verbos pronominais; léxico-gramática; representação formal funcionalista.

Introdução

Na Linguística, o estudo de determinados fenômenos pode se tornar complexo, pois (a) diversos autores podem atribuir acepções diferentes a um mesmo termo e (b) autores diversos podem empregar termos distintos para descrever o que é essencialmente o mesmo fenômeno (DIAS-DA-SILVA, 1990, 1996). É o que ocorre com o tratamento terminológico e conceitual dos verbos pronominais, para os quais são verificados diferentes rótulos – tais como “verbo pronominal”, “verbo reflexivo”, “verbo pronominal reflexivo e recíproco”, “verbo pronominal propriamente dito”, “verbo obrigatoriamente reflexivo”, “verbo verdadeiramente reflexivo” e “verbo com clítico SE inerente”, entre outros (BECHARA, 2009; BORBA, 2002; D’ALBUQUERQUE, 1984; DUBOIS et al., 1973; GEIGER, 2007; LENHARO, 2009; NEVES, 2000; NUNES, 1995; PERES; MÓIA, 1995; PERINI, 2010; SEARA, 2000, por exemplo) – e, na tentativa de explicar o uso do clítico pronominal junto a um verbo, muitos gramáticos e linguistas acabam apresentando, muitas vezes, argumentos mais ou menos díspares, gerando não só a uma bibliografia complexa, mas também opiniões controversas (LENHARO, 2014; SEARA, 2000). Em soma, a pluralidade de funções que a forma *se* exerce na língua portuguesa – que serve,

por exemplo, para (a) detematizar a posição de Sujeito de verbos transitivos (comparem-se (01) e (02)); (b) exercer o papel de Agente da Passiva (03); (c) marcar a reflexividade da ação verbal (04) e (05), etc. –, torna ainda mais complexa a tarefa de caracterizar/conceituar os verbos pronominais.

- (01) “O aluno estuda para o Enem como se estivesse estudando para um vestibular”.
- (02) “Estuda-se para a vida, para o crescimento como ser humano”.
- (03) “Vende-se um sítio com duas casas e água encanada”.
- (04) “Fabinho e Giane se amam”.
- (05) “Giane se olha no espelho e se espanta com a transformação em seu visual”.¹

Em um contexto interdisciplinar Linguístico-Computacional, como o da construção/refinamento da base da WordNet.Br – uma base relacional de dados (estruturada em termos de *synsets*, ou conjuntos de sinônimos) que visa a representar uma parte do conhecimento lexical dos usuários da língua, *i.e.*, o conhecimento relativo a relações de semelhança (sinonímia), oposição (antonímia), inclusão (hiponímia), decomposição (meronímia) e correlação lógica (causa e acarretamento) de sentidos (DIAS-DA-SILVA, 2003, 2013; LENHARO, 2009, 2014; MORAES, 2008) –, em que gramáticas e dicionários são adotados como obras de referência para a elaboração de recursos computacionais, essa complexidade apontada acerca dos verbos pronominais se torna um problema para o pesquisador, que se depara com situações como as ilustradas nos dois parágrafos seguintes e fica com dúvidas quanto à posição que deve adotar.

Observando-se um conjunto de 49 verbos em cinco obras lexicográficas – a saber: *Aurélio* (FERREIRA, 1999), *Caldas Aulete* (GEIGER, 2007), *Dicionário de usos do português do Brasil*, o *DUP* (BORBA, 2002), *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, o *VOLP*, (ACADEMIA..., 2009) e *Webster’s* (TAYLOR, 2001) –, constata-se uma diferença entre o número de verbos classificados como pronominais: no *Aurélio*, são 28; no *Caldas Aulete*, são 21; no *DUP*, são 24; no *Webster’s*, são 15 (classificados como “reflexivos”); no *VOLP*, nenhum verbo. O verbo **castrar**, por exemplo, é registrado (em ao menos uma acepção) com marca de pronominal no *Caldas Aulete* e no *Aurélio*, mas não é classificado como pronominal (ou reflexivo) no *DUP*, no *VOLP* e no *Webster’s*.

Comparando-se os 241 verbos registrados com SE no *Webster’s* com os 171 verbos registrados com o clítico pronominal no *VOLP*, observa-se, novamente, uma discrepância classificatória, pois constata-se que 55 verbos são constantes de modo concomitante nas duas obras. Desses 55 verbos, a maioria parece ter caído em desuso no português brasileiro contemporâneo, uma vez que verbos como **alarpar-se**, **entrefigurar-se**, **endefluxar-se**, **fradar-se**, **hispar-se** e **engrimpinar-se** apresentam poucos exemplos localizados no *córpus* da pesquisa (ou nenhum). Entre os que obtiveram diversos exemplos localizados, como **esbaldar-se**, também foram localizadas realizações sem o SE (06).

- (06) A justiça baiana está esbaldando em altos salários.

¹ Os exemplos (1)-(5) são oriundos de textos disponíveis na internet, localizados por meio do motor de buscas *Google*, disponível em: <www.google.com.br>.

Buscando fornecer melhorias para esse contexto interdisciplinar de pesquisa, este artigo propõe uma caracterização léxico-gramatical dos verbos pronominais do português do Brasil, (a) sistematizando os diferentes subtipos desse tipo de verbo, que serão identificados a partir dos diferentes tipos de clítico SE. Com essa sistematização, tornar-se-á possível (b) estabelecer uma comparação entre diversas classificações verbais verificadas em obras linguísticas e, assim, (c) propor um modo de representação formal dos verbos pronominais, para que esse fenômeno linguístico possa ser adequadamente tratado dentro de contextos linguístico-computacionais. Espera-se, desse modo, contribuir com dois domínios de pesquisa complementares, o Linguístico e o Linguístico-Computacional.

Caracterização dos verbos pronominais: um panorama

Os parágrafos seguintes apresentam um breve panorama acerca das propostas de definição/conceituação dos verbos pronominais estabelecidas por diferentes autores – gramáticos e linguistas em geral.

Dubois *et al.* (1973, p. 489-490) caracterizam os verbos pronominais, sem exemplificá-los, como “verbos da voz média do indo-europeu”, em que Sujeito e Agente exercem “uma ação sobre si mesmos, em seu benefício ou interesse”, não havendo a necessidade de se expressar o Objeto.

D’Albuquerque (1984, p. 115) distingue os “verbos reflexivos” entre (a) “verbos acidentalmente pronominais”, cujos pronomes oblíquos ocupam a posição de Objeto e podem ser substituídos por um nome substantivo, como “**machucar-se**”, e (b) “verbos essencialmente pronominais”, cujos pronomes oblíquos não ocupam a posição de Objeto e não podem, por isso, ser substituídos por um nome substantivo, como “**conformar-se**”, defendendo a existência de uma supressão generalizada do clítico pronominal, pois, “se o objeto direto reflexivo em verbos acidentalmente pronominais pode ser omitido, passa a ser omitido também nos essencialmente pronominais”.

Rocha Lima (1984, p. 145) afirma que os verbos pronominais são os “acompanhados dos pronomes oblíquos de cada pessoa”, como “**ajoelhar-se, suicidar-se, condoer-se, apiedar-se, ufanar-se, queixar-se e vangloriar-se**”. Esses “pronomes átonos” constituem uma parte integrante inseparável do verbo, não desempenham nenhuma função sintática, são “fossilizados” (ROCHA LIMA, 1984, p. 320). Por isso, os verbos pronominais são realizados sintaticamente sem Objeto Direto ou Indireto. Segundo o gramático, a presença do clítico SE nos verbos pronominais pode ter surgido por analogia a outros verbos, tais como “**aborrecer-se, magoar-se e ferir-se**”, para os quais o SE possui função de Objeto Direto.

Peres e Mória (1995, p. 419) distinguem três tipos de verbos: (a) “verbos com pronome clítico ergativo”, que não possuem um Agente e normalmente são verbos de processo que se relacionam com formas verbais homônimas (normalmente de ação) sem o clítico (com Agente explícito), como “**abrir, afundar, assustar, derreter, descontrolar, deslocar, mover, rebentar e partir**”; (b) “verbos que, em um dado contexto, têm um argumento pronominal”, *i.e.*, são conjugados de maneira reflexiva em um dado contexto de uso, com ou sem correspondência semântica entre sujeito e complemento, como “**prejudicar-se e envolver-se**”; e (c) “verbos intrinsecamente pronominais”, utilizados “sempre com uma forma de pronome pessoal concordante em pessoa e número com o

sujeito” que não possui “qualquer valor semântico”, tais como “**abster-se, apaixonar-se (por), condoer-se (de), queixar-se e suicidar-se**”.

Nunes (1995, p. 204-205), além identificar diferentes tipos de clítico SE, afirma que os verbos “essencialmente pronominais”, aqueles que “não admitem construções outras que não a construção com o clítico anafórico [inerente]”, pertencem a uma classe verbal “idiossincraticamente definida” que, devido a certas regularidades, pode ser dividida em três subgrupos: (a) o dos verbos que apresentam uma “noção de reflexividade” no radical, como “**suicidar-se e autodenominar-se**”; (b) o dos verbos ergativos que “perderam suas contrapartes transitivas”, como “**arrepender-se**”; e (c) o dos verbos do segundo subgrupo que sofreram um processo de agentivização, *i.e.*, os “ex-ergativos inerentes”, como “**demasiar-se, esbaldar-se, dignar-se, atrever-se e queixar-se**”.

Almeida (1999, p. 211) distingue verbo (a) “pronominal essencial” de verbo (b) “pronominal accidental”. Segundo ele, verbos tipo (a) só podem ser realizados com um clítico pronominal, como “**arrepender-se, queixar-se, indignar-se, abster-se, apoderar-se e comportar-se**” (07). Esse clítico SE não indica exatamente “uma revolução da ação verbal sobre o sujeito” e, apesar de não exercer nenhuma função sintática, a realização do verbo sem o SE seria “impossível” e configuraria um “erro”. Com os verbos do tipo (b), como “**pentear-se, alimentar-se e matar-se**” (08), a reflexividade da ação se apresenta de maneira “patente”, sendo mais forte que em construções com verbos do tipo (a). Verbos tipo (a), por exprimirem uma ação que não é transferida a um Complemento, se assemelham aos verbos intransitivos, o que pode fazer com que alguns (c) verbos intransitivos não pronominais sejam construídos com o clítico, indicando uma “reflexibilidade atenuada de ação e, em alguma medida, espontaneidade por parte do sujeito” (09).

(07) “Ele se queixa” (ALMEIDA, 1999, p. 211).

(08) “Eu me feri” (ALMEIDA, 1999, p. 211).

(09) “Ele se foi” (ALMEIDA, 1999, p. 211).

Neves (2000, 2003), de maneira sucinta, afirma que verbo pronominal é aquele que possui como sua parte integrante uma “forma oblíqua reflexiva” (NEVES, 2000, p. 468-469) dos pronomes pessoais, como, por exemplo, **abraçar-se** (10), **decepcionar-se** (11) e **doutorar-se** (12), entre outros.

(10) “Rosalinda abraçou-se ao corpo de Jacob.” (NEVES, 2000, p. 468)

(11) “Já vi de tudo e já me decepcionei.” (NEVES, 2000, p. 469)

(12) “[Sérgio Porto] doutorou-se em Física nos Estados Unidos.” (NEVES, 2000, p. 469)

Bechara (2009, p. 178-224), ao abordar o tema das construções do tipo [verbo+clítico pronominal], apresenta diferentes funções sintáticas que o SE pode exercer (a saber: Objeto Direto ou Indireto, Complemento Relativo e Índice de Indeterminação do Sujeito) e afirma que, além dessas funções, o clítico SE pode se juntar a quatro tipos de verbos, que indicam: (a) “sentimentos”, como “**atrever-se, admirar-se, arrepender-se, esquecer-se, indignar-se, lembrar-se, orgulhar-se, queixar-se e ufanar-se**”, para os quais “não se percebe mais o sentido reflexivo da construção” e, por isso, “considera-se o SE como parte integrante do verbo, sem classificação especial”. Por não serem mais

“rigorosamente” reflexos, há uma “indicação de que a pessoa a que o verbo se refere está vivamente afetada” pela ação; (b) “movimento ou atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo”, como “**ir-se, partir-se, sentar-se e sorrir-se**”, não reflexivos, relacionados ao clítico “pronome de realce ou expletivo”, cuja função é emprestar “maior expressividade à oração”; (c) “aspectos estilísticos, como a mudança lenta do estado ou de processo lento”, como “**agonizar-se, delirar-se, desmaiar-se, estalar-se, envelhecer-se, palpitar-se, peregrinar-se, repousar-se e tresnoitar-se**”, verbos “normalmente não pronominais [que] se acompanham de pronome átono”; (d) a “forma reflexiva propriamente dita”, os verbos “pronominais”, não exemplificados. Vale destacar que o autor exemplifica a construção de verbos “pronominais na língua padrão” que se realizam sem o clítico, como “**aquecer, chamar, mudar, gripar, machucar, formar e classificar**” (13).

(13) “Ele classificou em 3º lugar.” (BECHARA, 2009, p. 224)

Camacho (2003, p. 102-103), na mesma direção de Dubois *et al.* (1973), defende que os “verbos pronominais são predicados básicos, tipicamente médios, e as formas causativas sem correspondência semântica, predicados derivados por uma regra lexical de aumento de valência”. Com base em Bacelar do Nascimento e Martins (1993² apud CAMACHO, 2003), distingue cinco subclasses de verbos “médios” para o português: (a) Subclasse 1 – verbos que só admitem a construção média; (b) Subclasse 2 – verbos que, além das construções com o clítico SE, admitem construções “resultativas com o verbo auxiliar **estar**”, sem alteração no número de argumentos, como, por exemplo, “**ressentir-se e estar ressentido**”, sem mudança de valência; (c) Subclasse 3 – verbos considerados itens lexicais diferentes, devido a alterações semânticas entre as formas pronominal e não pronominal, *i.e.*, devido a diferenças sintático-semânticas, como “**comportar e comportar-se**”; (d) Subclasse 4 – verbos que permitem duas formulações sintáticas (a pronominal e a não pronominal), sem alteração do valor semântico, como “**rir e rir-se**”; (e) Subclasse 5 – verbos que possibilitam uma construção ativo-causativa (que se opõe a uma construção passiva) e uma construção média pronominal (que se correlaciona a uma construção resultativa com o verbo auxiliar **estar**), como “**apagar**”.

De acordo com o autor, os verbos da Subclasse 1, como “**queixar-se**”, e os verbos da Subclasse 2, como “**ressentir-se/estar ressentido**”, denominados de “verbos inerentemente pronominais” (ou “*media tantum*”), não são predicados “derivados por qualquer tipo de regra de formação de predicados, devendo, por isso, ser considerados como básicos e assim listados no léxico”. Os verbos da Subclasse 3, como “**importar/importar-se**” e “**interessar/interessar-se**”, também não se aplicam a “nenhuma regra de formação de predicados, constituindo cada qual uma entrada lexical própria sem correspondência semântica com algum outro predicado”, sendo o item pronominal desses pares “construções inerentemente pronominais” (ou “*media tantum*”) (CAMACHO, 2003, p. 102-103).

Observa-se que, como os paradigmas adotados pelos autores são diferentes, não é possível estabelecer de modo confiável uma classificação/conceituação, para fins de uma sistematização linguístico-computacional, dos verbos pronominais, pois constata-se incoerência entre as obras, tais como (a) o fato de Bechara (2009) afirmar haver verbos

² BACELAR DO NASCIMENTO, M. F.; MARTINS, A. M. Construções verbais portuguesas em -se médio observadas em textos medievais e em textos contemporâneos. *Actas do XIX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românica*, A Coruña, 1993, p. 547-562.

pronominais “na língua padrão” que se realizam sem o clítico enquanto Rocha Lima (1984) afirma categoricamente que o clítico pronominal é inseparável do verbo – embora realizações de verbos sem o clítico SE sejam verificadas em cópulas (14), como ocorre com **suicidar-se**, item lexical utilizado pelo autor como exemplo de verbo pronominal; e (b) o fato de haver divergência na terminologia empregada pelos diferentes autores, com poucos exemplos fornecidos (tanto de formas verbais como de frases ilustrativas), o que impossibilita uma comparação adequada entre as obras.

(14) “Vixii coitada q[ue] dia ela suicidou?”³

Assim, diante de tantas questões terminológicas, incongruências descritivas, carência de exemplos e classificações discrepantes dos verbos pronominais verificadas nos dicionários, nas gramáticas e nos trabalhos linguísticos em geral, torna-se necessário traçar uma sistematização dos diferentes subtipos de verbos pronominais para que uma representação formal possa ser estabelecida e aplicada a recursos linguístico-computacionais. Buscando tal objetivo, a próxima seção apresentará os diferentes tipos de clítico SE e sua relação com os verbos pronominais.

Os verbos e os diferentes tipos de clíticos SE

Neste artigo, propõe-se que os verbos pronominais sejam considerados como construções do tipo [verbo+clítico pronominal], *i.e.*, como itens lexicais da classe de verbos que ocorrem associados a um clítico SE – que pode ser conjugado (em número e pessoa) e ser representado pelas formas **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** e **se**. Desse modo, considera-se que o termo “verbo pronominal” inclui diferentes subtipos de verbos, caracterizados de acordo com o tipo de clítico SE com que ocorrem, como, por exemplo, os verbos+SE_{reflexivo}, os verbos+SE_{anticausativo} e os verbos+SE_{inerente}.

Os clíticos são um tipo particular de pronomes que correspondem aos pronomes pessoais átonos que ocorrem anexados à posição dos complementos verbais, mas não se limitam “a denotar a pessoa gramatical, podendo exibir uma função predicativa, ou revestir-se de propriedades morfossintáticas características de alguns sufixos derivacionais” (MATEUS *et al.*, 2003, p. 827). Os clíticos podem ser pensados como formas que estão no “meio do caminho” entre itens lexicais autônomos e afixos (JEFFERS; ZWICKY, 1980⁴ apud HOPPER; TRAUOGOTT, 1993, p. 6).

Através de características identificadas por Galves e Abaurre (1996), Ikeda (1980⁵ apud DIAS-DA-SILVA, 1990), Mateus *et al.* (2003), Nunes (1995), Pereira (2006), Peres e Mória (1995) e Rodrigues (1998), tais como (a) a capacidade de modificar ou não a grade argumental do verbo, (b) o recebimento de referência específica ou arbitrária e (c) a posse

³ Disponível em: <<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20130225185139AAK1egW>>. Acesso em: 27 maio 2013.

⁴ JEFFERS, R. J.; ZWICKY, A. M. The evolution of clitics. In: TRAUOGOTT; E. C., LABRUM, R.; SHEPHERD, S.C. (Ed.) *Papers from the Fourth International Conference on Historical Linguistics* – Stanford, March 26–30 1979. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1980. p. 221–231.

⁵ IKEDA, S. N. A função de SE. *Cadernos da PUC*, 5, São Paulo, 1980.

ou não de conteúdo semântico (recebendo ou não um papel temático), entre outras, é possível sistematizar nove diferentes tipos de clíticos SE, conforme o Quadro 1.

Quadro 1. Tipos de clítico SE

Tipo de clítico	Característica	Exemplo
SE _{reflexivo} (ou SE _{anafórico} ou SE _{recíproco})	Realizar o papel temático de argumento interno (podendo ser recíproco ou não).	– Francisco e Bento XVI se abraçam em encontro histórico de papas. – Um homem de 46 anos matou a ex-mulher com um tiro e se matou em seguida.
SE _{anticausativo} (ou SE _{ergativo} ou SE _{incoativo})	Inibir a realização do Agente ou do Causador da situação descrita pelo verbo, tornando-o intransitivo.	Comparem-se: – Mulher engana bandido que tentava aplicar golpe. (transitivo) – Casal se engana ao reconhecer suspeitos e quatro são presos por crime que não cometeram. (anticausativo)
SE _{ex-ergativo}	Indicar a agentivação de construções com SE _{anticausativo} .	– A atriz Sthefany Brito casa-se com o jogador Alexandre Pato [...].
SE _{inerente} (ou SE _{fossilizado})	Fundir-se ao verbo, transformando-se em um clítico “fossilizado”.	– Em meio aos protestos na Ucrânia, uma jovem manifestante se apaixonou por um policial durante os confrontos.
SE _{quase-inerente}	Indicar que Agente e Tema de verbos como portar-se , comportar-se e conduzir-se se fundiram.	– FHC comportou-se como um elegante noivo em sua festa de casamento.
SE _{estilístico} (ou SE _{realce} ou SE _{ênfático} ou SE _{expletivo})	Salientar traços da ação executada pelo Sujeito (especialmente com verbos de movimento) ou traços do processo ou da mudança de estado de construções verbais intransitivas.	– Enquanto calei, envelheceram-se os meus ossos dentro de mim.
SE _{passivo} (ou SE _{apassivador})	Exercer o papel de Agente da Passiva.	– De quatro meses para cá, vendem-se ali, por dia, em média, oito camisas 10, contra três com o número 11 de Romário
SE _{indeterminado} (ou SE _{nominativo} ou SE _{impessoal})	Inibir a presença de um sintagma nominal que atue como Sujeito do conteúdo descrito pelo verbo.	– Ressalta-se que, no momento da coleta dos dados, a loja [...] autorizou a coleta de preços [...].
SE _{médio}	Perspectivar o processo expresso pelo verbo a partir do Complemento, através da topicalização, passando-o à posição de Sujeito.	Agora, essa variação [de vírus da gripe] não está mais nas manchetes internacionais [...] felizmente é predominantemente uma doença aviária e não se transmite facilmente entre humanos.

Conforme a capacidade de absorver a referência de um dos argumentos verbais (CHOMSKY, 1970), *i.e.*, de alterar a estrutura argumental dos verbos hospedeiros com os quais se realizam, os clíticos SE podem ser classificados como (a) argumentais ou (b) não argumentais. Os clíticos SE_{inerente} e SE_{estilístico}, não argumentais, por não alterarem a sintaxe do verbo, são fenômenos lexicais. Os demais tipos de SE são considerados argumentais. O SE_{reflexivo}, o SE_{indeterminado} e o SE_{passivo} são verdadeiros argumentos dos verbos: o SE_{reflexivo}

exerce a função de Objeto Direto ou Indireto, o SE_{indeterminado} exerce a função de Sujeito e o SE_{passivo} exerce a função de Agente da Passiva.

Os demais tipos de SE não são verdadeiros argumentos da estrutura do verbo, mas, por influenciarem na realização da estrutura argumental do verbo, são considerados argumentais. O SE_{anticausativo}, por exemplo – classificado como não argumental por Mateus *et al.* (2003), como argumental por Pereira (2006) e como quase argumental por Galves e Abaurre (1996) –, possui a função de inibir a presença do argumento externo Causador ou Agente (recebendo seu papel temático) (PEREIRA, 2006). Por isso, considera-se que o SE_{anticausativo} altera a estrutura de argumentos sintáticos do verbo hospedeiro e é, desse modo, argumental. O SE_{médio}, por sua vez, exerce a função de topicalizar o Complemento verbal para a posição de Sujeito sintático, inibindo a manifestação do Sujeito lógico (RODRIGUES, 1998) – *i.e.*, da representação semântica de quem pratica a ação (CHIERCHIA, 2003) – na estrutura de argumentos do verbo hospedeiro. Além disso, exige a presença de um modificador (como um advérbio de modo, por exemplo) na sentença em que ocorre. Por fim, o SE_{ex-ergativo} e o SE_{quase-inerente} também não são argumentos verdadeiros da estrutura do verbo, mas, por exercerem algum tipo de influência em sua realização, também são considerados argumentais: o SE_{ex-ergativo} indica uma fusão do Agente com um argumento interno do verbo e o SE_{quase-inerente} indica a fusão do Agente com o Tema.

Dada a possibilidade de se classificar os verbos de acordo com o clítico pronominal com o qual ele é realizado, a sistematização dos diferentes tipos de SE permite que nove diferentes subtipos de verbos pronominais sejam identificados: verbo+SE_{reflexivo}, verbo+SE_{anticausativo}, verbo+SE_{ex-ergativo}, verbo+SE_{inerente}, verbo+SE_{quase-inerente}, verbo+SE_{estilístico}, verbo+SE_{passivo}, verbo+SE_{indeterminado} e verbo+SE_{médio}, caracterizados pelas propriedades do tipo de clítico SE com o qual se realizam.

A identificação desses diferentes subtipos de verbo pronominal torna possível a especificação de uma correspondência entre as propostas de diversos autores, conforme ilustra o Quadro 2.

A partir dessa correspondência, torna-se possível determinar critérios para identificar os diversos subtipos de verbos pronominais, com base na concatenação das propostas dos autores estudados (BECHARA, 2009; BORBA, 2002; CAMACHO, 2003; D'ALBUQUERQUE, 1984; DIAS-DA-SILVA, 1990; MATEUS *et al.*, 2003; MUTZ, 2011, 2012; NEVES, 2000, 2003; NUNES, 1995; PEREIRA, 2006; PERES; MÓIA, 1995; PERINI, 2010; ROCHA LIMA, 1984; RODRIGUES, 1998; SEARA, 2000; entre outros); tarefa que não será realizada neste artigo. Por ora, destaca-se que, de certo modo, há consenso quanto à identificação de construções que atualizam um clítico SE com valor argumental – especialmente as dos verbos+SE_{reflexivo}, dos verbos+SE_{indeterminado} e dos verbos+SE_{passivo} –, mas a identificação de construções com clíticos não argumentais, *i.e.*, com verbos+SE_{inerente} ou verbos+SE_{estilístico}, é uma tarefa mais difícil: justamente por serem fenômenos lexicais, não apresentam regularidades de formação que possibilitem a determinação do contexto em que podem ocorrer, como acontece com os fenômenos gramaticais.

A seção seguinte proporá um padrão de representação para os verbos pronominais, *i.e.*, uma maneira de formalizá-los, salvaguardando-se as diferenças entre os diversos subtipos identificados.

Quadro 2. Comparação entre diversas propostas de classificação dos verbos pronominais

verbo+SE _{médio}	“voz média do indo-europeu” (DUBOIS <i>et al.</i> , 1973)
verbo+SE _{inerente}	“com pronomes átonos fossilizados” (ROCHA LIMA, 1984) “essencialmente pronominais” (D’ALBUQUERQUE, 1984) “intrinsecamente pronominais” (PERES; MÓIA, 1995) “com noção de reflexividade no radical”, “ergativos sem contrapartes transitivas” e “ex-ergativos inerentes” (NUNES, 1995) “pronominal essencial” (ALMEIDA, 1999) que possuem uma “forma oblíqua reflexiva” dos pronomes pessoais como “parte integrante” (NEVES, 2000, 2003) “sentimentos” (BECHARA, 2009) “Subclasse 1”, “Subclasse 2” (CAMACHO, 2003)
verbo+SE _{reflexivo}	“acidentalmente pronominais” (D’ALBUQUERQUE, 1984) que podem ter um “argumento pronominal” de acordo com o contexto (PERES; MÓIA, 1995) “pronominal acidental” (ALMEIDA, 1999) “empregados na forma reflexiva propriamente dita” (BECHARA, 2009)
verbo+SE _{anticausativo}	“com pronomes clíticos ergativos” (PERES; MÓIA, 1995)
verbo+SE _{estilístico}	“com reflexibilidade atenuada de ação e espontaneidade por parte do sujeito” (ALMEIDA, 1999) “movimento ou atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo” e “normalmente não pronominais acompanhados de pronomes átonos para exprimirem aspectos estilísticos” (BECHARA, 2009) “Subclasse 4” (CAMACHO, 2003)
verbo+SE _{passivo}	“Subclasse 5” (CAMACHO, 2003)
verbo+SE _{quase-inerente}	“com Agente e Tema fundidos” (NUNES, 1995) “Subclasse 3 (com homônimo não pronominal)” (CAMACHO, 2003)
verbo+SE _{ex-ergativo}	“com SE _{anticausativo} agentivizado” (NUNES, 1995)

Proposta de representação formal dos verbos pronominais fundamentada no Funcionalismo

A proposta para a formalização dos verbos pronominais defendida neste artigo fundamenta-se no Funcionalismo – especialmente o da corrente holandesa, inaugurada em 1978, por Simon Cornelis Dik, com a sua *Gramática Funcional* (GF). A escolha desse modelo teórico para embasar a proposta de formalização dos verbos pronominais justifica-se pelo elevado grau de formalismo e pela explicitude notacional que a GF fornece, uma vez que sepropõe a integrar considerações funcionais-comunicativas com formalização.

Na GF, a descrição de uma expressão linguística inicia-se com a construção de uma predicação. No ato de predicar, assinalam-se propriedades ou estabelecem-se relações entre as diferentes entidades selecionadas durante o processo referencial. O predicado é, por isso, o “bloco de construção” mais básico do nível morfossemântico da organização linguística (DIK, 1997).

Cada predicado se organiza internamente por meio de(a) funções semânticas, que especificam o papel desempenhado por uma entidade (por exemplo, os papéis temáticos

de Agente e Meta) em um evento/situação (denominado Estado de Coisas) descrito pela predicação; (b) funções sintáticas (como as de Sujeito e de Objeto), que especificam a perspectiva de apresentação do Estado de Coisas na expressão linguística e (c) funções pragmáticas, que especificam o estatuto informacional de um constituinte dentro do contexto comunicativo mais amplo em que ele ocorre (tais como Tema, Tópico e Foco) (DIK, 1997; NEVES, 1997).

No processo de interação verbal, o Falante seleciona um esquema de predicado que se expande pouco a pouco em estruturas mais abrangentes (as predicações) até atingir o nível da expressão linguística, no qual as regras de expressão são aplicadas. Essa expansão do predicado em predicação ocorre com a inserção de termos, que são expressões linguísticas que se referem a entidades de um mundo (real ou imaginário), em estruturas de predicado, *i.e.*, esquemas que representam as estruturas argumentais em que o predicado pode ser construído (NEVES, 1997; VELASCO, 2003).

Na GF, os predicados e os termos básicos compõem o léxico da língua e ficam à disposição dos falantes dessa língua. Através de regras de formação produtivas, podem formar, respectivamente, predicados e termos derivados. Assim, na construção da estrutura subjacente da oração, tem-se um predicado (designador de propriedades ou relações) aplicado a termos (designadores de entidades), produzindo, através de uma codificação linguística, uma predicação (designadora de um Estado de Coisas). No contexto (15), por exemplo, tem-se a predicação e_1 descrita em (16), em que **emprestar** é o predicado que estabelece uma relação com três termos: “**Bicicloteca**”, “**livros**” e “**a moradores de rua**”. Esses três termos são as entidades deste Estado de Coisas: em um dado mundo (real, ocorrido em São Paulo, capital), há uma instituição chamada *Bicicloteca* (uma mistura de bicicleta com biblioteca) que empresta algo do tipo livro a seres humanos que não possuem um lar para morar e, por isso, vivem nas ruas. Por preencherem posições de constituintes obrigatórios na semântica do predicado **emprestar**, esses três termos são denominados “argumentos” (NEVES, 1997).⁶

(15) “Bicicloteca empresta livros a moradores de rua”.⁷

(16) $e_1 = [\text{emprestar}[\text{Bicicloteca}]_{\text{Agente}}[\text{livros}]_{\text{Tema}}[\text{a moradores de rua}]_{\text{Meta}}]$

Resumindo, durante a interação entre falantes de uma comunidade linguística, há um repertório lexical composto por predicados básicos e por termos básicos que fica à disposição dos falantes dessa comunidade. Esse repertório lexical é utilizado no processo de comunicação para a produção de expressões linguísticas. Como a proposta que se defende é a de que os verbos pronominais do tipo [verbo+SE_{inerente}] são armazenados no léxico, cada unidade desse subtipo de verbo pronominal constitui, portanto, um “bloco de construção” (DIK, 1997; NEVES, 1997) disponível ao falante no formato [verbo+clítico pronominal]. Em outras palavras, o bloco morfossemântico [verbo+SE_{inerente}] consti-

⁶ Constituintes que preenchem posições facultativas na semântica do predicado são denominados “operadores” e “satélites”. Os operadores são meios gramaticais que fazem distinções aspectuais e especificam a organização temporal interna do Estado de Coisas. Os satélites são meios lexicais indicadores de modo, velocidade e instrumento (NEVES, 1997).

⁷ Disponível em: <www.fundacaobunge.org.br/novidades/novidade.php?id=8564&/bicicloteca_empresa_livros_a_moradores_de_ua>. Acesso em: 16 ago. 2013.

tui um predicado que será aplicado a um conjunto apropriado de termos na predicação. Corrobora-se, assim, a hipótese defendida por Camacho (2003, p. 102-103) de que os verbos+SE_{inerente} “são predicados básicos” que devem ser “listados no léxico”.

Por exemplo, no contexto (17), a predicação nuclear e_1 do verbo+SE_{inerente} **apaixonar-se** é descrita em (18), onde os argumentos (e também os operadores e os satélites) são aplicados ao predicado básico que contém o clítico pronominal.

(17) “Amy Winehouse se apaixonou por barman no Rio, diz jornal”.⁸

(18) $e_1 =$ Passado[apaixonar-se_v[Amy Winehouse]_{Exp.}[barman]_{Pac.}]

Observa-se em (18) que o SE_{inerente} não é um termo que pode participar da predicação, ele é parte dela: [apaixonar-se[X]_{Exp.}[por Y]_{Pac.}]. Desse modo, propõe-se que os verbos pronominais do tipo [verbo+SE_{inerente}], prototipicamente, sejam formalmente representados conforme (19).

(19) [verbo+se[X]_{SN}[Y]_{PREP+SN}]

Ressalta-se que, embora os verbos+SE_{estilístico} também sejam verbos pronominais formados por clíticos SE não argumentais, *i.e.*, também sejam fenômenos lexicais, há uma diferença entre eles e os verbos+SE_{inerente}: enquanto o SE_{inerente} é uma realização morfológica de um [verbo+clítico pronominal], *i.e.*, faz parte do predicado básico, o SE_{estilístico} é um termo acessório empregado para salientar traços do Estado de Coisas descrito pelo verbo, sendo, portanto, desnecessário para a predicação (os verbos+SE_{estilístico} envolvem, assim, questões pragmáticas que fogem ao escopo deste trabalho).

Os demais subtipos de verbos pronominais, [verbo+SE_{reflexivo}], [verbo+SE_{anticausativo}], [verbo+SE_{ex-ergativo}], [verbo+SE_{passivo}], [verbo+SE_{indeterminado}], [verbo+SE_{quase-inerente}] e [verbo+SE_{médio}], por outro lado, são predicados derivados originados por regras de formação produtivas aplicadas a predicados básicos, *i.e.*, o clítico SE é um termo inserido na estrutura do predicado básico: preenche-se uma posição argumental do verbo com o clítico pronominal (ou sua presença faz com que ocorram alterações na estrutura). Propõe-se, desse modo, que sejam formalizados conforme (20).

(20) [verbo[SE][Y]]

Comparem-se, por exemplo, os contextos (21) e (23) do verbo **ver**, com suas respectivas predicações nucleares (22) e (24). A estrutura da predicação (22) é a mesma de (24), embora (22) seja uma realização transitiva não pronominal do verbo **ver** e (24) seja uma realização pronominal do verbo na construção do tipo [verbo+SE_{reflexivo}].

(21) “A kami viu o seu reflexo no espelho e ficou fascinada por tamanho brilho e esplendor”.⁹

(22) $e_1 =$ Passado[ver(a kami)(o seu reflexo)(no espelho)]

⁸ Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/ilustrada/858615-amy-winehouse-se-apaixonou-por-barman-no-rio-diz-jornal.shtml>. Acesso em: 02 jul. 2012.

⁹ Nesse contexto, **kami** significa ‘deusa’. Disponível em: <http://aoikuwan.com/2011/02/21/a-teogonia-xintoista-a-caverna-de-amaterasu/>. Acesso em: 18 nov. 2013.

(23) “Gato se vê no espelho e faz poses”.¹⁰

(24) $e_1 = [\text{ver}(\text{gato})(\text{se})(\text{no espelho})]$

Para concretizar um dos pressupostos mais caros ao Funcionalismo holandês, o de considerar o contexto de uso das formas linguísticas e valer-se de dados efetivamente realizados, oriundos de *corpora*, para exemplificar/analisar as unidades verbais, torna-se necessário ressaltar que alguns verbos pronominais são verificados em realizações não prototípicas, cujos esquemas não correspondem à formalização proposta neste artigo. É o que ocorre, por exemplo, com alguns verbos+SE_{inerente} que se realizam sem o clítico, como anteriormente ilustrado em (14). Dada essa variação de uso, a formalização proposta precisa ser adaptada. Por isso, serão utilizados parênteses para indicar a possibilidade de não realização do elemento descrito, independentemente da prototipicidade da construção, conforme (25).

(25) $[\text{verbo}+(\text{se})[\text{X}]_{\text{SN}}[\text{Y}]_{\text{PREP}+\text{SN}}]$

Com a formalização proposta para a representação dos verbos pronominais do português, torna-se viável sistematizá-los em termos de recursos linguístico-computacionais, tal como o da WordNet.Br.

Como os verbos+SE_{inerente} são os únicos fenômenos lexicais que realizam morfológicamente um [verbo+clítico pronominal] e a WordNet.Br é uma base de dados que busca representar o conhecimento lexical dos falantes brasileiros do português, pode-se afirmar que somente os verbos pronominais do tipo [verbos+SE_{inerente}] devem ser representados em unidades constituintes dos *synsets*, tal como ocorre com o *synset* {acomodar-se, adaptar-se, ajeitar-se, ajustar-se, amoldar-se, conformar-se, engrenar-se, entrosar-se, harmonizar-se, moldar-se}, que atualiza o sentido de “tornar-se adaptado ou harmonizado a novos/diferentes padrões”, como exemplifica (26).

(26) A Igreja se acomodou aos novos tempos. (WordNet.Br)

Considerações finais

A falta de consenso (exemplificada no início deste artigo) em relação à classificação/definição dos verbos pronominais apontava para a necessidade de uma descrição linguística mais aprimorada para essa classe de verbos, a fim de que eles pudessem ser tratados de modo adequado em contextos linguístico-computacionais, tal como o de desenvolvimento/aprimoramento da WordNet.Br.

Este estudo, a partir da identificação dos diversos tipos de clítico SE, identificou os diferentes subtipos de verbos pronominais, caracterizados pelas propriedades do tipo de clítico SE com o qual se realizam: verbo+SE_{reflexivo}, verbo+SE_{anticausativo}, verbo+SE_{ex-ergativo}, verbo+SE_{inerente}, verbo+SE_{quase-inerente}, verbo+SE_{estilístico}, verbo+SE_{passivo}, verbo+SE_{indeterminado} e verbo+SE_{médio}.

Com essa identificação, observou-se que, enquanto os verbos+SE_{inerente} e os verbos+SE_{estilístico} são fenômenos lexicais – sendo o primeiro uma realização morfológica

¹⁰ Disponível em: <<http://rainydays.com.br/gato-ve-espelho-faz-poses/>>. Acesso em: 18 nov. 2013.

de um [verbo+clítico pronominal] e o segundo uma realização cujo valor é pragmaticamente determinado, i.e., o clítico é um termo “dispensável” para a predicação –, os demais subtipos de verbos pronominais dependem da estrutura sintática das construções, i.e., são predicados derivados nos quais o clítico pronominal é um termo da predicação.

Além disso, com a identificação dos subtipos de verbos pronominais, foi possível estabelecer uma comparação das obras dos inúmeros autores elencados ao longo do trabalho, resultando em uma correspondência terminológica que possibilita, a partir da concatenação das ideias apresentadas por eles, o estabelecimento de critérios para identificar os diferentes subtipos de verbos pronominais – atividade não realizada neste artigo, mas que é fundamental para a construção/refinamento dos *synsets* de verbos pronominais da WordNet.Br.

Por ora, fundamentando-se no formalismo da Gramática Funcional, foram propostos esquemas de representação para os diversos subtipos de verbos pronominais, dos quais se destaca a representação [verbo+(se)[X]_{SN}[Y]_{PREP+SN}] dos verbos+SE_{inerente}. Essa representação permite que as atividades, no contexto linguístico-computacional, sejam desenvolvidas, procedendo-se o refinamento dos *synsets* de verbos pronominais da WordNet.Br.

Desse modo, considera-se que este artigo conseguiu cumprir seus objetivos, contribuindo com dois domínios complementares de investigação. No entanto, cumpre destacar que ainda há muito por fazer, em termos da WordNet.Br, no que concerne ao aprimoramento desse fenômeno linguístico.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Global, 2009.
- ALMEIDA, N. M. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 44. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BORBA, F. S. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- CAMACHO, R. G. Em defesa da categoria de voz média no português. *DELTA*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 91-122, 2003.
- CHIERCHIA, G. *Semântica*. Tradução de Luiz Arthur Pagani, Lígia Negri e Rodolfo Ilari. Campinas: Unicamp, 2003.
- CHOMSKY, N. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R.; ROSENBAUM, P. (Ed.). *Reading in English Transformational Grammar*. Waltham: Ginn, 1970. p. 184-221.
- D’ALBUQUERQUE, A. C. R. C. A perda dos clíticos num dialeto mineiro. *Tempo Brasileiro: Sociolinguística e o Ensino do Vernáculo*. Rio de Janeiro, v. 78/79, p. 97-121, 1984.
- DIAS-DA-SILVA, B. C. *O fenômeno da apassivação: em busca da passiva protótipo*. 1990. 160 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 1990.
- _____. *A face tecnológica dos estudos da linguagem: o processamento automático das línguas naturais*. 1996. 272 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 1996.

- _____. A rede wordnet e a compilação de um thesaurus eletrônico. *Fórum Linguístico*. Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 157-176, 2003.
- _____. Modelagem linguístico-computacional de léxicos. In: LAPORTE, É. *et al.* (Org.). *Dialogar é preciso: linguística para processamento de línguas*. Vitória: PPGEL/UFES, 2013. p. 89-103. v. 1.
- DIK, S. C. *The theory of Functional Grammar*. Part I: the structure of the clause. 2nd ed. Edited by Kees Hengeveld. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- DUBOIS, J.; GIACOMO, M.; GUESPIN, L.; MARCELLESI, C.; MARCELLESI, J. B.; MEVEL, J. P. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- FERREIRA, A. B. H. *Dicionário Aurélio eletrônico século XXI*. (Versão 3.0). São Paulo: LexiKon Informática Ltda., 1999.
- GALVES, C.; ABAURRE, M. B. M. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In: CASTILHO, A. T.; BASÍLIO, M. (Org.). *Gramática do português falado – volume IV: estudos descritivos*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1996. p. 267-312.
- GEIGER, P. (Ed.). *Dicionário Caldas Aulete da língua portuguesa: edição de bolso*. Rio de Janeiro: LexiKon Digital, 2007.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LENHARO, A. C. *Os synsets de verbos do português com o SE inerente e os seus equivalentes do inglês*. 2009. 175 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2009.
- _____. *Descrição léxico-gramatical e funcional dos verbos pronominais do português brasileiro com vistas à construção da base de verbos da wordnet brasileira e do alinhamento semântico desta à base de verbos da wordnet norte-americana*. 2014. 237 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2014.
- MATEUS, M. H. M.; BRITO, A. M.; DUARTE, I.; FARIA, I. H. et. al. *Gramática da língua portuguesa*. 6. ed. Lisboa: Caminho, 2003.
- MORAES, H. R. *Aspectos sintaticamente relevantes do significado lexical: estudo dos verbos de movimento*. 2008. 171 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2008.
- MUTZ, K. SE-verbs, SE-forms or SE-constructions? SE and its transitional stages between morphology and syntax. In: GAGLIA, S.; HINZELIN, M. O. (Ed.). *Inflection and word formation in Romance languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2011. p. 319-346.
- NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- _____. *Guia de usos do português: confrontando regras e usos*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- NUNES, J. M. Ainda o famigerado SE. *DELTA*, v. 11, n. 2, p. 201-240, 1995.
- PEREIRA, A. L. D. *Os pronomes clíticos do PB contemporâneo na perspectiva teórica da Morfologia Distribuída*. 2006. 215 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

- PERES, J. A.; MÓIA, T. *Áreas críticas da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1995.
- PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.
- ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.
- RODRIGUES, C. A. N. *Aspectos sintáticos e semânticos das estruturas médias no português do Brasil: um estudo comparativo*. 1998. 169 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 1998.
- SEARA, I. C. Estudo de uma hipótese semântico-pragmática para a omissão de clíticos pronominais. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 14, n. 119, p. 165-187, mar. 2000.
- TAYLOR, J. L. *Webster's: Portuguese-English dictionary*. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- VELASCO, D. G. *Funcionalismo y lingüística: la Gramática Funcional de S. C. Dik*. Oviedo: Servicio de Publicaciones de La Universidad de Oviedo, 2003.